



ARQUEOLOGIA COMO DISCIPLINA TRANSVERSAL

ARCHAEOLOGY AS CROSS-CUTTING DISCIPLINE

RESUMO

Ao longo das escritas sobre o pensamento arqueológico algumas frases marcaram a trajetória da arqueologia. Neste ensaio destaco duas destas frases conhecidas na arqueologia e o contexto em que foram cunhadas de modo a demonstrar como a arqueologia foi sendo percebida e transformada nas suas relações com as disciplinas história e antropologia. De tal modo, apresento breve histórico de interações entre a tríade de disciplinas, com a arqueologia perpassando a história e antropologia ao passo que ocorreram mudanças paradigmáticas. Em razão de tais transformações e novos anseios de pesquisa, a definição de “cultura arqueológica” se aproxima de noção totalizante para compreensão sistêmica das relações entre humanos e coisas em seus contextos. Ao finalizar abordo a transversalidade na arqueologia segundo abordagem quatro campos e seu amplo interesse de pesquisa na área de ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: teoria e método em arqueologia, história do pensamento arqueológico, antropologia quatro campos, transversalidade.

ABSTRACT

Throughout the writings on archaeological thought, some phrases marked the trajectory of archaeology. In this essay I highlight two of these phrases well-known in archaeology and the context in which they were coined in order to demonstrate how archaeology was perceived and transformed in its relations with the disciplines of history and anthropology. In this way, I present a brief history of interactions between the triad of disciplines, with archeology intertwining history and anthropology while paradigmatic changes occurred. Due to such transformations and new research aspirations, the definition of “archaeological culture” approaches a totalizing notion for a systemic understanding of the relationships between humans and things in their contexts. To conclude I address the transversality in archaeology according to the four fields’ approach and its broad research interest in the area of human and social sciences.

Keywords: theory and method in archeology, history of archaeological thought, four-field anthropology, transversality.

INTRODUÇÃO: BREVE HISTÓRICO DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO

Ao iniciar este artigo cabe aqui ressaltar que arqueologia é um conceito polissêmico, havendo três correntes teóricas (histórico-culturalismo, processualismo e pós-processualismo) que surgiram em momentos distintos e coexistem até hoje. Meu objetivo aqui não é traçar histórico da disciplina, como fizeram, por exemplo, Bruce Trigger (1989) e Matthew Johnsson (2000). Meu foco aqui será abordar o impacto da antropologia na arqueologia à medida que a disciplina arqueológica se afasta de sua trajetória histórico-culturalista e laços com o fazer etnográfico, e *a posteriori*, advoga por sua autossuficiência e independência da antropologia, ambos movimentos compreendidos durante o estabelecimento do movimento processualista. Em seguida, abordo a relevância da corrente pós-processualista para reaproximação com a teoria antropológica.

Durante a consolidação da Arqueologia como área do saber, a mesma buscou acessar informações sobre os humanos e o passado com aporte em várias disciplinas, entre as quais destacam-se: geologia, biologia, geografia, história e antropologia. Ainda nos primórdios de sua configuração a arqueologia ainda era submetida a interpretações paracientíficas, sendo somente possível considerar a arqueologia como disciplina com os trabalhos desenvolvidos a partir do século XIX. O desenvolvimento do pensamento arqueológico pode ser entendido, portanto, segundo os períodos listados abaixo:

- Século XIV ao XIX: Antiquarianismo
- Século XIX ao XX: Descritivo-classificatório
- Final do século XIX ao atual: Histórico-culturalismo

- 1960 ao atual: Processualismo
- 1980 ao atual: Pós-processualismo

A partir da sistematização dos trabalhos de campo, desenvolvimento e expansão da arqueologia, as pesquisas se intensificaram ao longo do último século. Assim, a Arqueologia migra de anseios colecionistas (antiquarianismo) e de suas origens descritivas pautadas na história natural e Ciências da Terra (descritivo-classificatório) incorporando explicação para o registro arqueológico a partir da história e distribuição dos povos (histórico-culturalismo), metodologias com base nas Ciências Exatas com olhar voltado para a interpretação antropológica (processualismo), e mais recentemente, tem se voltado objetivos de pesquisa para o domínio simbólico, fenomenologia e incorporação da teoria da agência (pós-processualismo).

Algumas célebres frases, marcaram a história do pensamento arqueológico no que toca a sua relação com a Antropologia. Aqui, abordarei duas delas: primeiro a de Willey & Phillips (1958) e a segunda de David Clarke (1968).

1. *Arqueologia é antropologia ou não é nada*¹ e;
2. *Arqueologia é arqueologia e arqueologia*².

Pretendo a seguir contextualizar de modo sintético o cenário do pensamento arqueológico que, possivelmente, motivou os autores a escrevê-las, referências que os inspiraram e como o pensamento arqueológico foi se modificando em razão de tais posicionamentos.

O STATUS DE “SER NADA” E A CONSOLIDAÇÃO ARQUEOLOGIA

Analisemos, portanto, o contexto da primeira frase aqui supramencionada. Gordon Willey (1945; 1953) ainda que possuísse interesse de pesquisa voltado para o entendimento de sequências culturais (fases e tradições arqueológicas) foi bastante sistemático e inovador ao descrever e interpretar as áreas de atividades em sítios pesquisados no Vale Virú, localizado no Peru. Na abordagem de Willey (1953) a descrição da particularidade de cada registro arqueológico inaugurou a noção de tipos de sítio, levando em consideração as áreas de atividades pretéritas, do tipo doméstica ou funerária em seus sistemas de assentamento. Desse modo, Willey se debruça sobre o estudo de arqueológicos os analisando em conjunto, de forma sistêmica.

1 Traduzido pelo autor: Archaeology is Anthropology or it is nothing (WILLEY & PHILLIPS, 1958, p. 2).

2 Traduzido pelo autor: Archaeology is archaeology and archaeology (CLARKE 1968, p. 11).

Ao mesmo tempo, o antropólogo Dupree (1955 apud Edgeworth, 2006, p.2) observou a necessidade de estudos etnográficos serem realizados por arqueólogos, onde, os arqueólogos deveriam assumir um papel dual, englobando os aspectos técnicos e humanos visando abordagem para além das descrições. É justamente em reação à abordagem meramente descritiva e classificatória que, Willey & Phillips (1958, p.2) disseram: arqueologia é antropologia ou não é nada. Para Willey & Phillips (1958) a arqueologia deveria ser encarada como inseparável da antropologia, para construção de teorias, afastando-se de trabalhos meramente descritivos, ou arqueográficos, onde tal integração e interpretação afastam a arqueologia de um inconcebível vácuo teórico.

A célebre frase Willey & Phillips (1958) é construída parafraseando Maitland, um historiador de 1899, que propôs: antropologia deve escolher entre sendo história ou sendo nada³. Para Kirsten Hastrup (1992, p. 5-6) foi sobretudo tal status de “ser nada” que deu origem à abordagem não-evolucionária com trabalhos de base empírica que alicerçam a antropologia social.

O arqueólogo Lewis Binford (1962) na década de 1960 reforçou que o arqueólogo deveria ser treinado como etnógrafo para explicar a diversidade cultural, afastando a disciplina de explicações difusionistas. Nesse contexto, Binford e demais autores⁴ postularam o processualismo percebendo que a sociedade deve ser analisada como uma unidade funcional, onde o conceito de cultura é entendido como um sistema ecológico humano (BINORFD, 1962, p. 218) explicado de acordo com os subsistemas culturais, tecno-econômico, sócio-econômico e ideológico-técnico. A visão de cultura desta corrente teórica processualista segue a subdivisão em subsistemas conforme modelo proposto por Leslie White (1959), onde a cultura é vista como meio extrassomático de adaptação.

Enquanto na antropologia os estudos de parentesco, filiação, consanguinidade e aliança deslindavam o véu de “ser nada” da disciplina e rumavam por eixos que a afastavam de abordagem influenciada pela corrente do determinismo ambiental; na arqueologia, é justamente a incorporação das ideias de adaptação ao ambiente que fundamentam a abordagem processualista. Nesse sentido cabe destacar o papel das obras de Leslie White (1959) e Julian Steward (1963) para a arqueologia num primeiro esforço de aproximação com a teoria antropológica.

White (1959) postulou que a cultura pode ser entendida de acordo com o produto da tecnologia versus gasto energético. Nesse sentido, seus seguidores na arqueologia - entre eles destaca-se seu orientando Lewis Binford - buscaram desenvolver métodos para mensurar aquisição de recursos alimentares, desempenho e performance sujeitos aos fatores ambientais,

3 Traduzido pelo autor: As early as 1899 the legal historian Maitland ventured the point that ‘by and by anthropology will have the choice between being history and being nothing’ (HASTRUP, 1992, p.5 apud MAITLAND, 1936 [1899], p.249).

4 Entre os autores do processualismo tais destacam-se Klent Flannery, Colin Renfrew, Robert Dunnell e Michael Schiffer.

tido como lei geral, filiando-se a uma corrente evolucionista universal. Julian Steward (1972) em abordagem multilinear busca determinar regularidades de forma e processos culturais recorrentes comuns encontrados em diferentes áreas culturais. Steward com enfoque particularista e paralelista caminha para demonstrar que a cultura não é estática, de modo a negar os estágios de desenvolvimento humano de um evolucionismo unilinear proposto por Tylor e Mrgan.

Os trabalhos na arqueologia prosseguem em tal momento imbuídos de crescente enfoque contextualista, ainda que cada vez mais matemático (positivista) a fim de se reconhecer como “ciência”. O que culmina no contexto da segunda frase a ser aqui apresentada e seus desdobramentos para emancipação e reconstrução da arqueologia.

ARQUEOLOGIA PELA ARQUEOLOGIA?

A segunda frase célebre aqui abordada é cunhada por David Clarke (1968) em reação à publicação “arqueologia como antropologia” de Binford (1962). Para David Clarke, a arqueologia possui seus próprios objetivos, conceitos e procedimentos. Assim, Clarke (1968, p.11) afirmou: **arqueologia é arqueologia e arqueologia**. A visão de arqueologia de Clarke (1968, p.12) postula que o objetivo da disciplina seria: recuperar, descrever de forma sistemática e estudar a cultura material no passado. Desta forma, a elaboração de teorias na arqueologia ganha menor destaque. David Clarke por sua vez, inspirou-se em um poema de Gertrude Stein (1922) enunciando que as coisas são o que são em razão materialista⁵. Cabe destacar ainda que, para Clarke, cultura arqueológica não se designa um grupo racial, nem tribo, nem unidade linguística, ou seja, para ele uma cultura arqueológica é simplesmente uma cultura arqueológica.

Somente na década de 1980, Ian Hodder e demais autores⁶ fundam o pós-processualismo em reação ao processualismo e seu excessivo determinismo material e ecológico, ao ponto que os sistemas “natureza” e “cultura” são expostos como intocáveis descartando a noção de agência. Hodder e Hudson (1986) buscam a interpretação da cultura material, onde em alusão hermenêutica entendem que a cultura deve ser lida como um texto, sendo múltiplas interpretações possíveis estimulando a multivocalidade.

Conforme aqui abordado, desde os trabalhos de Gordon Willey, a arqueologia investiu cada vez mais na descrição do registro arqueológico aproximando a interpretação do registro à teoria antropológica, sendo previamente mais correlata à história. Durante sua trajetória

5 Traduzido do referido trecho do poema: a rose is a rose is a rose (STEIN, 1922).

6 Entre os autores do pós-processualismo tais se destacam Michael Shanks e Chris Tilley.

a arqueologia buscou sua independência com aporte em modelos matemáticos, mas viu em sua reconstrução (SHANKS & TILLEY, 1987), principalmente, a partir da década de 1980 com chegada de ideias pós-processualistas, onde a noção de agência é incorporada transformando entendimento de cultura arqueológica com fluidez e estabelecendo retomada definitiva entre diálogos com a antropologia.

Não obstante, os trabalhos recentes de Ian Hodder (2012; 2016) têm se dedicado ao estudo dos emaranhamentos humanos-coisas em pleno diálogo com teorias antropológicas, inspirado na obra de Alfred Gell (1998), Bruno Latour (2005) e Tim Ingold (2013). Desde os trabalhos de Gell sobre agência, a noção de pessoa vem sendo aplicada cada vez mais aos estudos de objetos em detrimento à noção de estética. Seja através da noção de pessoa (humana ou não-humana) ou de uma agência secundária e noção de pessoa distribuída, a arqueologia vem, a partir dos anos 2000 buscando acompanhar a virada ontológica na antropologia.

ARQUEOLOGIA, ONTOLOGIA E MATERIAIS

“E se o Criador / Inventou a criatura por favor

Se do barro fez alguém com tanto amor / Para amar Nosso Senhor”

Edu Lobo & Chico Buarque (1993), Sobre todas as coisas

A abordagem contextual e simbólica assume outros discursos inerentes aos materiais a partir dos anos 2000 na arqueologia. Trata-se de romper o silêncio e noção inerte das coisas, ou compreender a ontologia dos objetos (OLSEN, 2010). De tal modo, tal abordagem simétrica da arqueologia advoga que ser-se humano é viver com / entre coisas (VALE, 2015). Nesse sentido destaca a forma como Tim Ingold (2000) concebe o processo de fazer coisas em seu aspecto relacional, simétrico.

“A visão ocidental ortodoxa, como vimos, amplia a ideia de fazer do domínio das coisas inanimadas para as dos seres animados. Quero sugerir, pelo contrário, que a ideia de crescimento pode ser estendida na direção inversa, do animado para o inanimado. O que chamamos de “coisas” também são cultivadas. Na prática, há mais na fabricação de artefatos do que a transcrição mecânica de um projeto ou plano, desenvolvido através de um processo intelectual da razão, sobre uma

substância inerte. Pois, (...) as formas de artefatos não são dadas com antecedência, mas são geradas no movimento prático de um ou mais agentes habilidosos em seu envolvimento ativo e sensível com o material. Ou seja, elas emergem - como as formas de seres vivos - dentro dos contextos relacionais do envolvimento mútuo das pessoas e seus ambientes. Assim, não há, em última análise, uma distinção absoluta entre fazer e crescer, já que o que chamamos de “fazer coisas” não é, na realidade, um processo de transcrição, mas um processo de crescimento” (INGOLD, 2000, p.87-88)⁷.

Nesse sentido simétrico, Tim Ingold (2007) discorda do arqueólogo Colin Renfrew ao abordar o engajamento material a partir da experiência das potencialidades do material, propondo uma visão da coisa para o humano, e não do humano para coisa. Ingold (2007) destaca que o aspecto relacional entre “criador e criatura” e as relações que acontecem em um mundo de materiais, não devem ser encaradas como propriedades ou atributos dos materiais, e sim como histórias.

“A afirmação, então, de que uma escultura é boa porque realça a pedregosidade da pedra não pode ser justificada com base em quaisquer propriedades da própria pedra que possam ser objetivamente conhecidas. Ela apenas revela nossas próprias preferências pessoais em relação às qualidades que gostamos de ver nela. Agora, é claro que é verdade que podemos ter tais preferências em relação aos materiais que usamos para fazer as coisas. Também é verdade que esses materiais podem ser submetidos a uma bateria de testes para medir tais propriedades como densidade, elasticidade, resistência à tração, condutividade térmica e assim por diante. Para um engenheiro que se propõe a projetar uma estrutura e decidir quais materiais utilizar, essas medições - que podem ser tão precisas e objetivas quanto a ciência e a instrumentação atuais permitem - podem ser de importância crítica. No entanto, o conhecimento que eles produzem está muito longe de, digamos, o pedreiro, o ferreiro, o oleiro ou o carpinteiro, que vem da experiência de uma vida inteira de trabalhar com o material. Este é um conhecimento nascido da percepção sensorial e do engajamento prático, não da mente com o mundo material - para lembrar a “teoria do envolvimento material” de Renfrew (2001) -, mas do praticante experiente participando de um mundo de materiais” (INGOLD, 2007, p.13-14)⁸.

7 Traduzido pelo autor: “The orthodox Western account, as we have seen, extends the idea of making from the domain of inanimate things to that of animate beings. I want to suggest, quite to the contrary, that the idea of growing might be extended in the reverse direction, from the animate to the inanimate. What we call ‘things’, too, are grown. In practice, there is more to the manufacture of artefacts than the mechanical transcription of a design or plan, devised through an intellectual process of reason, onto an inert substance. For as I shall show in Chapter Eighteen, the forms of artefacts are not given in advance but are rather generated in and through the practical movement of one or more skilled agents in their active, sensuous engagement with the material. That is to say, they emerge – like the forms of living beings – within the relational contexts of the mutual involvement of people and their environments. Thus there is, in the final analysis, no absolute distinction between making and growing, since what we call ‘making things’ is, in reality, not a process of transcription at all but a process of growth”.

8 Traduzido pelo autor: The assertion, then, that a sculpture is good because it brings out the stoniness of stone cannot be justified on the basis of any properties of the stone itself that can be objectively known. It merely reveals our own personal preferences concerning the qualities we like to see in it. Now, of course it is true that we may hold such preferences concerning the materials we use to make things. It is also true that these materials may be subjected to a battery of tests in order to measure such properties as density, elasticity, tensile strength, thermal conductivity and so on. For an engineer setting out to design a structure and deciding what materials to use, such measurements – which can be as accurate and objective as current science and instrumentation allow – may be of critical importance. Yet the knowledge they yield is a far cry from that of, say, the stonemason, smith, potter or carpenter, which comes from a lifetime’s experience of working with the material. This is a knowledge born of

Desse modo, a abordagem voltada para as propriedades das coisas, suas potencialidades e impactos nos animados se apresenta como caminho para conciliação entre coisas, humanos, não-humanos, arqueologia e antropologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área constituída pela Antropologia/Arqueologia aponta para dois campos intimamente relacionadas em trajetória e teoria. Destaco aqui que, a noção de cultura de Franz Boas (1938, p. 159) em sua abordagem totalizante inclui os aspectos ambientais, corporais, mentais, sociais, culturais e os produtos de tais interações. Franz Boas foi singular ao se posicionar contra o evolucionismo e à abordagem de determinismo biológico na noção de cultura, assim como ao se posicionar contra a noção de raça ao passo que seus estudos fundaram a chamada Antropologia Quatro Campos, unindo Antropologia Cultural (Social), Antropologia Física (Biológica), Linguística e Arqueologia. Neste sentido, a definição boasiana de cultura reflete uma abordagem totalizante/sistêmica dos elementos culturais, escrita ainda na década de 1930.

“Cultura pode ser definida como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social coletivamente e individualmente em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do próprio grupo e de cada indivíduo para si mesmo. Inclui também os produtos dessas atividades e seu papel na vida dos grupos” (BOAS, 1938, p. 159)⁹.

Desse modo, observa-se que muito além de descrições e classificações o escopo de pesquisa acerca das culturas arqueológicas está fixado nas ciências humanas e sociais, de forma a compreender mais sobre os modos de vida no passado e no presente em diferentes domínios sejam ecológico, histórico, simbólico, social, relacional e etc. Assim, percebe-se a arqueologia como campo propriamente transversal, fluindo entre diversas áreas de conhecimento desde as ciências da terra, biológicas às humanas, jazendo neste último seu objeto principal para geração de conhecimento ao fazer uso da teoria arqueológica.

sensory perception and practical engagement, not of the mind with the material world – to recall Renfrew’s (2001) ‘material engagement theory’ – but of the skilled practitioner participating in a world of materials.

9 Traduzido pelo autor: “Culture may be defined as the totality of the mental and physical reactions and activities that characterize the behavior of the individuals composing a social group collectively and individually in relation to their natural environment, to other groups, to members of the group itself and of each individual to himself. It also includes the products of these activities and their role in the life of the groups”.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, segundo a portaria 206, de 4 de setembro de 2018. Ao III Encontro de Patrimônio Cultural e Sociedade pela discussão no GT Patrimônio Cultural e Arqueologia. E à Luciana Railza Cunha Alves pela atenta revisão.

REFERÊNCIAS

- BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, 28, p. 217–225. 1962.
- BOAS, Franz. **The mind of primitive man**. Revised. 1938.
- BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. **Paratodos**. Faixa 3: Sobre todas as coisas. 3:26 min. 1993.
- CLARKE, David. **Analytical Archaeology**. London: Methuen. 1968
- DUPREE, Louis. The artificial small group study and archaeological excavation. **American Antiquity**, 20(3), p. 271-271. 1955.
- EDGEWORTH, Matt. Multiple origins, development, and potential of ethnographies of archaeology. **Ethnographies of archaeological practice: cultural encounters, material transformations**, 1, p.1. 2006.
- GELL, Alfred. **Art and Agency**. Oxford: Clarendon Press. 1998.
- HASTRUP, Kirsten (ed.). **Other Histories**. Routledge: London and New York. 1992.
- HODDER, Ian; HUTSON, Scott. **Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology**. Cambridge University Press. 1986.
- HODDER, Ian. 2012. **Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things**. John Wiley & Sons. 2012.
- HODDER, Ian. **Studies in Human-thing Entanglement**. Ian Hodder. 2016.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Routledge. 2000.
- INGOLD, Tim. Los Materiales contra la materialidad. Papeles de Trabajo, **Revista Electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de San Martín**, 7(11). 2013.
- JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica, Una introducción**. Ariel Historia. 2000.
- LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press. 2005.



- MAITLAND, Frederic William. **The Body Politic: Selected Essays**, ed. H. D.Hazeltine, G.Lapsley, and P.H.Winfield, Cambridge: Cambridge University Press. (1936) [1899].
- MILLER, George. Classification and economic scaling of 19th century ceramics. **Historical Archaeology**, 14(1), p.1-40. 1980.
- OLSEN, Bjørnar. **In defense of things: archaeology and the ontology of objects**. Rowman Altamira. 2010.
- SHANKS, Michael. & TILLEY, Christopher. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. Press Syndicate of the University of Cambridge. 1987.
- STEIN, Gertrude. 1922. Sacred emily. **Geography and plays**. p. 178-188.
- STEWARD, Julian Haynes. **Handbook of South American Indians** (Vol. 3). University of Michigan-Dearborn. 1963.
- STEWARD, Julian Haynes. **Theory of Culture Change**. Urbana/Chicago: University of Illinois Press. 1972.
- TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus. 1989.
- VALE, Ana. A Arqueologia e as Coisas. A disciplina e as correntes pós-humanistas. **Almadam**. 2015.
- WHITE, Lewis. The concept of culture. **American anthropologist**, 61(2), p.227-251. 1959.
- WILLEY, Gordon Randolph; PHILLIPS, Philip. **Method and theory in American archeology**. University of Chicago Press. 1958.
- WILLEY, Gordon Randolph. Horizon styles and pottery traditions in Peruvian archaeology. **American Antiquity**, 11(1), pp.49-56. 1945.
- WILLEY, Gordon Randolph. **Prehistoric settlement patterns in the Viru; Valley, Peru**. 1953.